

O QUE AS REFLEXÕES ENTRE A PSICANÁLISE E GÊNERO PODEM SUSCITAR NO CAMPO DO DIREITO?

WHAT CAN THE REFLECTION BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND GENDER CAN EVOKE IN THE LAW STUDIES?

Denise Radesca Alvares Scaff
Universidade Federal do Pará

Resumo

Diante das inúmeras questões sobre gênero que se apresentam na atualidade e que envolvem diversas áreas do conhecimento, este artigo expõe reflexões geradas no diálogo entre alguns conceitos da teoria psicanalítica e da teoria de Judith Butler. Partindo do conceito da constituição do sujeito, que só é possível na relação com o outro e o grupo social, interrogamos no campo do Direito as possíveis reverberações destas questões que afetam a psicanálise, em sua prática e nas construções da teoria, no que tange à ordenação das relações sociais. O objetivo é provocar a criação de um espaço entre estes saberes em que possam ser geradas outras interrogações e a produção de conhecimento novo.

Palavras-chaves

Psicanálise. Gênero. Sexualidade. Constituição do *Eu*. Direito.

Abstract

Considering the numerous gender issues that are under discussion nowadays, which involve different areas, this article presents reflections created by the dialogue between certain concepts of the psychoanalysis theory and Judith Butler's theory. From the concept of self, which is only possible when considered with the other and the social group, we exam the Law studies the possible impacts of such

¹ Professora aposentada da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

questions that affect psychoanalysis, from a practical view and considering the theory in regards to the organization of social relationships. The purpose is to provoke the creation of a stimulating space among such fields of studies where other queries and knowledge can be produced.

Keywords

Psychoanalysis. Gender. Sexuality. Self. Law.

*Que o homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
-Triste, louca ou má*

Banda Francisco, el Hombre

A pergunta do título é o balizador deste artigo que não tem a pretensão de encontrar ou propor respostas. O intento é iniciar um diálogo em que a psicanálise se apresente como um interlocutor interessado em construir um conhecimento que gere novas interrogações.

Para iniciar esta exposição é necessário dizer que o gênero não aparece como conceito ou questão para a psicanálise desde seu início. É a sexualidade que está no centro da teoria elaborada por Freud e, como diz Renato Mezan em seu livro "Freud: a trama dos conceitos" (1982), a história da psicanálise é idêntica à história da evolução do conceito de sexualidade.

A psicanálise é uma prática clínica, uma teoria sobre a constituição psíquica e um método de pesquisa. Para Freud, desde o início de seus escritos, há um conjunto entre o trabalho clínico e a investigação dos fenômenos produzidos na relação entre o analista e o analisando.

É importante ressaltar que as teorias psicanalíticas são produto das práticas clínicas, da escuta realizada um a um, na articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo, ou seja, por meio do laço social. Em 1921, em seu texto “Psicologia de grupo e análise do Ego”, Freud afirma que toda psicologia do indivíduo é também uma psicologia de seu grupo social. Isto implicará sempre em uma leitura e uma abordagem dos fenômenos individuais dentro dos movimentos que caracterizam a cultura em que este sujeito está inserido.

Kaës, em seu livro “Transmissão da vida psíquica entre gerações” (2001, p.13) fala do sujeito como um “sujeito de um conjunto intersubjetivo”:

O que é inelutável é que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes de nascermos, o sujeito de um conjunto intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus “sonhos de desejo insatisfeitos”, de seus recalcamientos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias, de suas histórias.

Neste sentido a questão sobre gênero se tornará objeto da investigação psicanalítica dentro de um conjunto de mudanças que vão compor as narrativas dos analisandos e que fazem parte do processo de constituição do sujeito, na intersecção entre o que é singular e individual e o que é histórico-social.

Para compreendermos os diálogos e as reflexões que surgem entre as teorias da psicanálise e a questão de gênero será necessário entender como este campo do conhecimento surgiu e as alterações pelas quais passou em sua trajetória bastante controversa. As mudanças na organização social vão compor o cenário em que a

psicanálise se desenvolve, na escrita de vários autores, não como espectadora, mas como uma construtora de conhecimentos que interagem diretamente com a organização do discurso sobre o sujeito e sobre as formas de sofrimento.

O surgimento da psicanálise, em 1900, com o livro "A Interpretação dos Sonhos" não acontece de forma branda, pois inúmeros questionamentos, obstáculos e críticas, por vezes ferrenhas, acompanham o desenvolvimento desta teoria que é resultado da prática clínica e das trocas com outras ciências e com as produções culturais.

A psicanálise freudiana produz e é produzida na modernidade e vai operar uma ruptura com o ideário desta época. A denominada "crise do homem moderno" tem entre seus pontos de bascula as produções da teoria psicanalítica. A construção do conceito de inconsciente - que é um conjunto de efeitos de nossas experiências e de forças psíquicas que nos constituem e que desconhecemos, o desvelamento da sexualidade infantil, e a construção do conceito de *Complexo de Édipo* como eixo organizador de nossa identidade, que se dá como um processo e não como um conjunto de dados que caracterizariam o indivíduo, como era entendido até então, vai produzir uma revolução nas ciências e na cultura do mundo moderno.

A identidade do "homem moderno", constituída como uma espécie de permanência de si, de uma interioridade sólida, foi se liquefazendo, parafraseando a expressão do sociólogo Zygmund Bauman sobre a modernidade e a pós-modernidade.

Entre as mudanças ocorridas na sociedade em meados do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, a mais contundente foi o movimento feminista da década de 60, que implodiu a já fragilizada

“identidade do homem moderno”. A entrada da mulher no espaço público afetou as formas de organização da família, da conjugalidade e do trabalho, promovendo uma ruidosa destruição dos paradigmas que sustentavam a construção do sujeito rigidamente estabelecida quanto à identidade sexual masculina e feminina e quanto aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

As análises do filósofo Michel Foucault também são imprescindíveis para se entender a revolução que acontece a partir da década de 60 do século passado, e que se tornaram importantes nas produções da teoria psicanalítica pós-freudianas. Foucault propõe questionar as evidências, o que está posto em nosso mundo e que nos parece natural e até mesmo verdadeiro. Esta proposta, bastante próxima do que fez Freud ao construir a psicanálise, vai produzir um abalo no discurso instituído e será importante para a psicanálise quanto ao entendimento da constituição da identidade como um processo histórico-social em que o sujeito é capaz de construir e de reconstruir sua forma de “estar no mundo”. A história das construções de cada sujeito torna-se o ponto de partida para tentar entender como ocorre a constituição da singularidade do indivíduo, e a genealogia do sujeito moderno que Foucault realiza, será geradora de inúmeras polêmicas, inclusive com a psicanálise freudiana.

Desde a escrita de “A História da Loucura” em 1961 e de “Vigiar e Punir” em 1975, o poder dos discursos científicos e institucionais, que até então eram entendidos como uma força repressiva externa ao sujeito, passam a ser compreendidos como constituintes do sujeito. Foucault interroga nas várias faces do poder como o sujeito é afetado por essas práticas discursivas e de quais estruturas sociais elas emanam como verdades.

A constituição da identidade é mais uma vez questionada enquanto produto de uma imposição que incide não só no mundo das ideias, mas também no corpo. A ideia do corpo dócil e da sexualidade como um dispositivo que ao nomear as práticas sexuais cria o objeto do qual se está falando, um poder-saber, controlador e patologizante, estará no centro das discussões sobre a constituição do sujeito e sobre gênero. No primeiro volume da “História da Sexualidade – A Vontade de Saber”, escrito em 1976, o debate com o saber psicanalítico se organiza em torno da confissão como modelo de produção discursiva do sexo como verdade do sujeito e da sexualidade como efeito das práticas discursivas sociais. A identidade, que já não existia como algo fixo ou pouco mutável, passa a ser pensada como formas de subjetivação, em um processo historicamente construído.

Neste novo cenário a psicanálise ganha novos contornos e uma das principais mudanças é produzida pela teoria do psicanalista francês Jacques Lacan. O diálogo entre a psicanálise e outras ciências, assim como com a cultura, se mantém constante e suas produções são acompanhadas e divulgadas para além dos consultórios dos analistas.

É bastante difícil empreender a análise do presente, é necessária alguma distância para compreender o que está sendo vivido, entretanto, não há como negar que na atualidade as condições de constituição das subjetividades estão atravessadas pela capacidade de consumir, pelas novas tecnologias que possibilitam novas formas de interação com o outro e também com os corpos, importantes ordenadores da constituição do sujeito.

As novas formas de subjetivação da contemporaneidade estão presentes na clínica analítica e têm produzido novas interrogações no campo da psicanálise em que as questões de gênero

são extremamente representativas. O convite para pensar as mudanças em um espaço entre as construções do campo da psicanálise e do Direito será a proposta final deste artigo, na criação de um espaço potencial de produção.

É atravessada e atravessando essas temporalidades, que a psicanálise refletirá sobre as questões de gênero. E é a partir da implicação do discurso da psicanálise nesta trajetória temporal que os debates e reflexões sobre a questão de gênero foram se construindo em interlocução com outros campos do saber e com as mudanças que se operaram na própria psicanálise.

O conceito de gênero surge na psicanálise a partir de 1968, com os estudos de Robert Stoller, psicanalista americano, sobre a intersexualidade e transexualidade. A questão de gênero vai ser considerada sob duas perspectivas entre os psicanalistas, como nos aponta Paulo Ceccarelli em seu artigo intitulado “psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões” (2017, p. 270):

A literatura sobre a questão do gênero em psicanálise deixa claro duas perspectivas conflituais: a interseção do individual – da constituição do *Eu*, ou do sujeito – e as construções sociais como tributárias de processos históricos.

Tendo como base a teoria de Freud e algumas contribuições da teoria lacaniana, vamos expor de forma resumida alguns conceitos que estão no cerne das reflexões sobre a questão de gênero.

A psicanálise foi criada no início do século XX, mas antes mesmo de sua criação, em 1900, Freud provocou uma revolução no atendimento dos chamados *pacientes nervosos*.

Seu trabalho com as histéricas deu a ele, convocado a calar-se por uma paciente, a oportunidade de alterar sua posição nesta relação. Freud calou-se para ouvir a paciente falar de seu sofrimento e de sua história, saindo da posição de saber para a posição de não-saber sobre o sofrimento deste outro.

Como efeito desta mudança, o paciente torna-se ativo na busca por minimizar, se e quando possível, seu sofrimento. O sentido da cura também se altera, pois não há um saber previamente instituído sobre este sujeito, não há um padrão de saúde plena com a qual confrontar o que o paciente apresenta, a singularidade de sua história e de sua dor cabe ao paciente narrar; o que existe é um padrão de normalidade entendido no âmbito das normas sociais vigentes e da adequação do sujeito a estas normas, e este entendimento produz uma tênue linha divisória entre a patologia e a normalidade.

Para apresentar os recortes sobre os conceitos da obra freudiana que são mais relevantes no diálogo com a questão de gênero, é necessário dizer que o acesso a obra psicanalítica nem sempre é fácil. A vastidão dos escritos psicanalíticos e as várias escolas que compõem este acervo, são alguns dos obstáculos que se enfrenta, mas o maior obstáculo é a estrutura interna à teoria, sua rede conceitual que faz com que os conceitos trabalhem de forma interdependente e, em certo sentido, de forma não linear.

Entende-se que isto decorre do fato de que as teorias da psicanálise são construídas a partir de sua prática clínica. Esta prática consiste em uma escuta do sofrimento do paciente e de sua história através da técnica da livre associação, o falar sem limites e censuras sobre todo e qualquer tema, prescindindo da lógica formal e sem ser julgado por esta narrativa. À livre associação, que permite

compreender como o paciente entende seus pensamentos, ações, sentimentos, percepções e recordações, corresponde à atenção fluante do analista, que significa não dirigir sua atenção ao discurso do paciente a partir de seu saber ou de suas condições como sujeito.

Esta prática criará uma relação em que a escuta analítica sustentará as condições para o paciente ouvir-se, possibilitando uma reorganização e/ou criação de uma nova forma de dizer sobre a sua maneira de estar no mundo.

A trama conceitual, aludindo novamente aos escritos de Mezan, vai sendo tecida pelos fios discursivos dos pacientes e o espaço entre esses fios, os vazios dessas tessituras farão parte da trama como um todo.

Esta explanação se inicia com o texto produzido em 1905, intitulado “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” e do conceito de *Complexo de Édipo*, que não é tratado em um único texto da obra, mas se constitui em um dos eixos do pensamento desse autor.

No texto de 1905, Freud iniciará a construção do conceito de sexualidade, que sofrerá inúmeras modificações ao longo da obra, desvinculando-a do sexo biológico. Afirmará que a sexualidade está presente na infância de muitas formas – polimorfa – situando a genitalidade não como ponto de partida da sexualidade, mas como ponto de chegada de seu desenvolvimento.

A criança investirá a pulsão sexual em vários e distintos objetos da realidade, inclusive em si mesma, em busca de seu prazer e a trajetória destes investimentos não está pré-estabelecida. A construção dos caminhos e de seus desvios no constante e incessante investimento pulsional será sempre parcial, enquanto investimento e possibilidades de satisfação.

A criança investirá a pulsão - energia originada no corpo que operará a articulação com a psique, será convertida em diferentes modalidades de investimentos parciais a partir do desejo. Estes investimentos não se darão sem obstáculos, como descreve Freud em seu texto “A Pulsão e suas Vicissitudes” (1915).

Os caminhos construídos para o investimento das pulsões estão diretamente vinculados ao processo de eroginização do corpo da criança, que acontecerá em meio às relações estabelecidas entre a criança e a mãe, ou o outro que cuida. A eroginização fará a passagem no corpo da criança do registro das necessidades, dispensados por este outro-mãe, para o registro do desejo. Este momento é produto do discurso do outro que, ao cuidar da criança, lhe confere um nome e um lugar no mundo a partir dos seus próprios desejos e das respostas que a criança lhe oferece.

Inúmeras são as consequências das construções freudianas deste texto e deve-se sublinhar que a despatologização das práticas sexuais que não correspondem à genitalidade e à reprodução, que vão de encontro ao saber científico da psiquiatria e da opinião popular vigentes neste momento, vão causar o esgarçamento e o afastamento da psicanálise das premissas da ciência médica, que estavam até então na base dos escritos de Freud.

No início do século XX, sob a égide do patriarcado e da família nuclear burguesa, em que o lugar do feminino e do masculino está rigidamente estabelecido na sociedade, a psicanálise tentará entender a constituição do sujeito e as formas de seu sofrimento a partir de uma sexualidade polimorfa que existe desde o nascimento e é constituída através do discurso do outro, que é compartilhado com a cultura.

A leitura minuciosa e cuidadosa do texto de 1914 “Sobre o narcisismo: uma Introdução” é imprescindível para se entender como essa relação com o outro que cuida inscreverá o assujeitamento, no duplo sentido do termo, de nos tornarmos sujeitos de nosso próprio discurso e de nos submetemos ao desejo do outro.

O *Eu* será constituído através de processos identificatórios, produto do investimento dos pais, daqueles que cuidam e acalentam esta criança, provocando lacunas e anseios, que incitarão a criança a investir suas pulsões neste universo particular que lhe é apresentado. O investimento parental colocará esta criança no lugar de sujeito antes mesmo que ela tenha condições de se colocar nesta posição na relação com os pais ou com os outros que são importantes em seu cotidiano.

Os pais investirão esta criança a partir de seus desejos não realizados e do que sua cultura preconizar como o melhor, em um amalgama discursivo que estabelecerá um lugar para esta criança em seu meio familiar e no mundo, e a criança poderá assumir (ou não) este lugar como seu, a partir de suas condições de enunciar-se como sujeito.

Os investimentos pulsionais que a criança empreenderá, incluindo a si mesma como objeto de investimento, são regidos por princípios que respondem à homeostase da economia psíquica e que organizam a dinâmica do psiquismo. Dentro deste arcabouço teórico esboçado no texto de 1895, intitulado “Projeto para uma Psicologia Científica” e construído em seus fundamentos no primeiro escrito psicanalítico em 1900, Freud vai tecendo gradualmente as bases do conceito de *Complexo de Édipo* que se tornará o eixo central da constituição da história pessoal e da inserção em uma linhagem produzida pelas condições discursivas da cultura.

Para se inscrever como sujeito, é necessário assumir uma posição sexuada que será produzida no emaranhado conjunto de ideias e experiências nomeadas como *Complexo de Édipo* (positivo e negativo).

A trajetória edípica tem as suas margens construídas pela inscrição da filiação por um lado e, por outro lado, pelo conceito denominado de *Complexo de Castração* - um conjunto de ideias e experiências em que as perdas vão se desenhando na história deste sujeito. As frustrações, as condicionantes e os enigmas que afetam a criança na relação triangular edípica são tecidas na ambivalência afetiva e se expressam na angústia por encontrar um lugar para si no mundo, exigindo que a criança crie soluções para os conflitos e incertezas dessa assunção de uma posição identitária singular, que inclui uma identidade sexual e o reconhecimento do outro como diferente de si, e do qual o sujeito será sempre dependente.

Ao escrever a teoria sobre este complexo processo de constituição da singularidade de cada indivíduo, que é tributário das normas culturais, Freud descreve o *Complexo de Édipo*, positivo, no menino a partir de um temor da perda do pênis, representante imaginário de uma integridade narcísica de si mesmo, que o faz abandonar a mãe, enquanto objeto de investimento amoroso, e identificar-se com os traços fálicos do pai. A menina adentrará este complexo de experiências percebendo-se não-fálica, castrada, percorrendo um outro caminho marcado pela inveja do pênis e solucionará estes conflitos através da identificação com os traços femininos da mãe, sublinhadamente a maternidade.

Estas são as soluções ideais descritas por Freud em sua teoria e é necessário dizer que muitos obstáculos se apresentarão à

criança nesta trajetória. Este processo não finda a construção da identidade, ele revela seus traços fundantes e também a constituição de uma nova instância psíquica, o *supereu*, que exercerá a função de representante interno da cultura, conformando uma nova dinâmica psíquica.

O conceito de *Complexo de Édipo/Complexo de Castração*, organizará os processos identificatórios em torno da posição masculino/feminino, instaurando um ponto de injunção para reflexão sobre as questões de gênero.

A revolução produzida com o texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” que descreve o polimorfismo dos investimentos das pulsões sexuais na infância, e a constituição de um corpo atravessado pelo discurso do outro que cuida, une-se a este complexo conjunto de ideias e experiências descritas no processo identificatório em que o *Eu* e o outro se constituirão na diferença. As representações que o sujeito engendra sobre si e sobre o mundo do qual fazemos parte, são passíveis de reconstruções e de novas criações através de novos processos de identificação que serão forjados nas relações com outros sujeitos. Entretanto, estas primeiras construções estarão sempre presentes, revisitadas, repetidas e/ou reelaboradas.

É necessário dizer que alguns analistas, como Karen Horney, Melanie Klein e Ernest Jones, entre outros, fizeram críticas ao modelo identificatório edipiano e propuseram outras formas de pensar a organização dos processos identificatórios. A teoria kleiniana dará uma contribuição importantíssima ao colocar no centro do processo identificatório as relações pré-edípicas na constituição do *Eu* e da dinâmica psíquica.

Dando um salto temporal, chega-se a teoria do psicanalista Jacques Lacan, que propõe uma releitura da obra de Freud e, a partir desta, uma psicanálise que será sustentada por novos paradigmas.

Lacan se apoiará nas construções da linguística de Saussure e da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, para construir a teoria de sua prática clínica.

Para este autor, a experiência da psicanálise é a experiência da linguagem. O inconsciente se dá a conhecer através da fala do analisando e é no campo da estruturação da linguagem que será possível investigar como o sujeito produz seus enunciados e seu discurso sobre o mundo que habita.

A partir do conceito de signo, como aquilo que representa algo para alguém, e de que este se forma no encadeamento de significantes – imagens acústicas – que ao se colocarem em uma determinada relação entre si, geram significações, Lacan, invertendo a ordem desta relação, proporá pensarmos a estrutura do inconsciente como uma cadeia de significantes que, ao se colocarem em uma relação, a partir da inscrição destes significantes, darão lugar à emergência do sujeito que produzirá sentidos para enunciação de suas experiências.

O bebê, ao nascer, está completamente desamparado para as experiências advindas do meio externo e interno, será invadido por significantes que, investidos pelas pulsões, engendrarão uma cadeia na qual a relação entre significantes lhe permitirá criar uma percepção de si, e a partir deste lugar único, organizar sentidos e significações para falar de suas vivências. As experiências que o sujeito tem de si e do mundo ao seu redor serão capturadas nestes significantes que, dentro de uma cadeia singular, estabelecerão relações através das quais o

sujeito do inconsciente se estruturará na forma singular de sua emergência, para se enunciar, utilizando o sistema de regras da linguagem.

O conceito de desejo será entendido a partir do deslizamento dos significantes – metonímia – possibilitando novos arranjos e novos sentidos que darão lugar à transmissão e à transformação de dos enunciados sobre si, assim como a formação de sintomas – metáforas.

O funcionamento psíquico na teoria lacaniana se dará através de três registros: o *Imaginário*, o *Simbólico* e o *Real*.

O *Imaginário* é o campo das ilusões, em que o sujeito acredita que ao falar será compreendido de forma objetiva e que será capaz de comunicar ao outro o sentido “real” de suas vivências.

Este é o campo das identificações e da alienação. Em seu texto “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1998), Lacan retoma o conceito de narcisismo em Freud, momento no qual o *Eu* se constitui a partir do desejo do outro, sustentado por processos identificatórios em que traços do outro serão internalizados e um corpo erógeno, construído através do toque e atravessado pelo discurso daquele que cuida da criança, que criará uma imagem de si que é enviada a partir do olhar deste outro sobre a criança. Este retorno para a criança de uma imagem impregnada de palavras, significantes, que nomeiam as experiências desta criança com qualidades que antecipam para ela a sua condição de sujeito, imagem que está alienada no discurso do outro, é a primeira forma de percepção deste sujeito.

A criança, neste momento, está na posição de objeto do investimento do desejo do *Outro*, grafado com letra maiúscula, porque é do desejo do outro enquanto uma formação inconsciente, que só se

dá a ver na linguagem, na qual esta criança se constituirá no processo identificatório como um *Eu* que terá uma representação integrada do corpo, de um si-mesmo.

O *Simbólico*, segundo registro lacaniano, é um sistema formado por conjuntos de elementos que não tem uma significação em si. O arranjo desses elementos em seus conjuntos estabelecerão relações que permitirão construir e inferir as significações que expressam. É possível encontrar elementos de um determinado conjunto que façam interseção com outros conjuntos. As relações estabelecidas nesta interseção ultrapassam as originais, criando neste intervalo novas regras que independem das originais, mas que manterão os sentidos advindos do conjunto primário. Pode-se usar a linguagem matemática, da *teoria dos conjuntos*, para entender melhor estas relações. Quando um elemento do conjunto A também pertence a um conjunto B, estabelece-se um novo domínio entre esses dois conjuntos e uma nova função de relação, propiciando diferentes arranjos. O *Simbólico* é a congregação de vários conjuntos, com regras de ligação próprias que criam novas relações a partir de outros domínios que se inscrevem entre os conjuntos, mantendo o que é originário e constituindo novas ligações, ampliando os sentidos. O registro *Simbólico* atravessará o registro *Imaginário* produzindo efeitos na organização do discurso do sujeito sobre suas experiências e sobre a experiência de si-mesmo.

O terceiro registro, o *Real*, que não é a realidade, nem mesmo a realidade biológica, é aquilo que é da ordem do irrepresentável, o vivido, que não é passível de ser traduzido em palavras. É aquilo que resta das experiências e que não encontra forma de se expressar, mas que está inscrito psiquicamente.

A teoria lacaniana responde à incessante pergunta feita aos analistas sobre onde se situa o inconsciente, sendo a linguagem o seu lugar. Através de sua clínica, Lacan empreendeu a construção de uma teoria que buscou apreender as novas formas de subjetivação do sujeito desta “nova ordem mundial”.

Neste sentido, o conceito de *Complexo de Édipo* vai sofrer alterações. Em seu livro “Os complexos familiares da formação do indivíduo” (1993), Lacan, sustentado na teoria das trocas políticas e de parentesco da antropologia estrutural de Lévi-Strauss e frente aos novos arranjos familiares com os quais a prática clínica se depara na atualidade, constrói o conceito de função paterna e função materna.

A relação triangular edípica é construída na teoria lacaniana através do exercício destas funções e na instalação da transmissão da diferença através da organização destes diferentes discursos. São as relações de troca discursivas realizadas que importam, não sendo imprescindível o exercício destas funções por um homem ou uma mulher ou pelos pais biológicos.

A teoria lacaniana desenvolveu novos conceitos e fez uma leitura dos escritos freudianos que não só atestam a importância de conceitos fundamentais da sexualidade e da relação triangular edípica como organizadora das novas formas de subjetivação, mas também a necessidade do diálogo constante com outras áreas do conhecimento.

A psicanálise de Jacques Lacan promoverá uma nova concepção do funcionamento psíquico e o fará trazendo novas controvérsias. A afirmação de que “a mulher não existe” está entre estas. Esta construção da teoria lacaniana tem como fundamento o fato

de que a mulher não tem *um* referente que a defina, não há um traço unário a partir do qual seja possível representar *a mulher*.

A partir desses recortes teóricos, expostos de maneira bastante sintética, é possível compreender, no sentido de abrir caminhos para as reflexões entre as teorias de gênero e as teorias psicanalíticas.

Novamente será necessário circunscrever o campo destas reflexões utilizando recortes dentro de um arcabouço teórico específico para fazer trabalhar a psicanálise, e serão as brilhantes construções de Judith Butler, em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”, publicado no Brasil em 2003, que serão utilizadas para expor as apropriações e as críticas a alguns conceitos da teoria psicanalítica de Freud e das contribuições de Lacan.

É preciso lembrar que a questão de gênero já estava sendo discutida de forma bastante consistente e transformadora a partir do livro “O Segundo Sexo”, escrito em 1949 por Simone De Beauvoir, que abordou as construções sobre “a figura feminina” e empreendeu o estudo e a análise da “condição da mulher” quanto a sua inserção no mercado de trabalho, no mundo político e sobre sua sexualidade.

Este livro tornou-se uma referência para os movimentos feministas das décadas de 60 e 70 e a frase “*Não se nasce mulher, torna-se mulher*”, mostra com agudeza o debate vindouro sobre a naturalização do corpo feminino e a acepção de gênero como uma construção social.

É preciso ressaltar a importância do surgimento e a posterior legitimação dos movimentos homossexuais, nas décadas de 70 e 80, assim como da despatologização da homossexualidade - ainda

que de forma absurda, em pleno século XXI, se discuta a chamada “cura gay” - para o debate e as reflexões que foram incrementadas com a teoria de Butler.

Sinteticamente será apresentada, como foi realizado com a psicanálise freudiana e lacaniana, as contribuições mais significativas da obra de Butler para os diálogos e reflexões que foram se construindo entre estas teorias.

A autora inicia seu livro propondo uma revisão das teorias que sustentaram os movimentos feministas das décadas de 50 e 60. Posteriormente, ela dedica um capítulo para discutir o conceito de *Complexo de Édipo* e sua heteronormatividade. E finaliza o texto propondo um novo olhar para pensar o conceito de gênero como performativo. O gênero se constitui no exato momento do ato em sua potência no conjunto da subjetividade. Não há, assim, uma hierarquização das experiências de *si*, não se é mulher antes de ser lésbica, ou professora, ou mãe.

É importante sublinhar que a questão de gênero está impregnada pelo conjunto das práticas políticas e sociais, assim como os problemas (para quem?) expostos em sua genealogia. Neste sentido, a teoria Queer, que pode ser entendida em duas direções: primeiro como desvio ou fuga das normas e segundo como aliança entre grupos que não estão constituídos por interesses comuns, podendo inclusive ter interesses discrepantes, que se conectam no campo político e da afirmação da diferença, podem ser compreendidos como forma de positivação do termo que dá nome à obra de Butler.

Ao longo do texto, Butler rechaçará o binarismo sexual, assim como uma teoria universal da mulher. A diversidade das mulheres mostra a insuficiência de pensar “a mulher” enquanto uma

categoria universal e universalizante e, simultaneamente, revela o engessamento das discussões de gênero quando vinculadas à rubrica de que é uma construção social.

O “tornar-se mulher”, da escrita de Simone de Beauvoir, ganha uma outra dimensão na leitura de Butler – todos podem se tornar o que quiserem. A autora desconstrói a definição de gênero como construção social ao considerar que esta concepção impõe repetições e reencenações das normas estabelecidas e legitimadas pelas formas de dominação erigidas na sociedade.

Judith Butler questionará também o conceito de identidade estável e estática que exige uma definição e, portanto, opera uma exclusão de possibilidades diferentes e divergentes das normas quanto à experiência de si mesmo.

Entretanto, é preciso compreender que o conceito de sexualidade desenvolvido em toda a obra freudiana é o solo comum em que se enraízam as questões de gênero. Butler critica os binarismos da teoria freudiana, masculino/feminino, fálico/castrado, passivo/ativo e a heteronormatividade da relação edipiana. Na teoria lacaniana, a crítica da autora recai sobre a questão do acesso ao registro do *Simbólico* que será realizado por meio das “soluções” criadas pela criança para os conflitos do complexo de ideias e experiências edípicas. Esta construção manterá como referencial a posição fálica, relegando a posição da função materna a um segundo plano, independente das mudanças sócio-históricas. Desta forma, o acesso único ao registro do *Simbólico* pela referência discursiva da função paterna legitima as práticas discursivas vigentes, como matriz simbólica da linguagem, aprisionando as construções divergentes e impossibilitando pensar a diferença para além do masculino-feminino como uma prática

discursiva que não está dada e que pode ser transformada. A negatividade ao falar da mulher, nas duas teorias, também é objeto de sua análise crítica.

Estas considerações deram ensejo a um novo espaço de trabalho na psicanálise, que exige dos psicanalistas pensar o conceito de *Complexo de Édipo* a partir da inscrição da diferença que não se limite ao binômio feminino-masculino, fundamental para a constituição do *Eu*, e também sobre as novas condições de adoecimento produzidas na atualidade.

Os fios que sustentam a tessitura da constituição do sujeito, atravessados pela linguagem, em que os problemas de gênero interrogam o discurso dominante e a violência são hoje objetos importantes para o pensamento psicanalítico. As mudanças que ocorreram na psicanálise desde sua criação por Freud são inúmeras e reiteram a vinculação às suas práticas. Entretanto, alguns conceitos como de sexualidade e constituição do sujeito, que só são possíveis na relação com o outro, base de sustentação desta teoria, têm se tornado mais complexos e o “movimento transexual”, se for possível usar esta denominação em função de sua magnitude, tem contribuído de forma cabal para as interrogações que a psicanálise tem realizado às suas teorias e também à realidade de suas práticas.

Retomando a questão inicial - O que estas reflexões entre psicanálise e gênero suscitam no campo do Direito? Inicialmente, é preciso dizer que o diálogo entre a psicanálise e o Direito não é recente. Neste artigo não se busca discorrer sobre os recursos teóricos-técnicos que são oferecidos pela psicanálise para algumas áreas do Direito, como nas Varas de Família ou Penais, o que é muito importante e tem se mostrado um trabalho com resultados eficientes. O objetivo é

apresentar questões que afetam o campo da psicanálise e que podem se tornar interrogantes também das práticas no campo do Direito, criando um diálogo entre estes campos do saber que seja capaz de gerar um conhecimento novo.

Como escreve Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, em seu livro “Direito e psicanálise: interlocuções a partir da literatura” (2007), estes dois campos do conhecimento tratam do “mesmo vivente”, a partir de lugares distintos. Enquanto o Direito trabalha com o eu e a consciência, a psicanálise trabalha com o sujeito do inconsciente e é preciso cautela para que cada um dos falantes, a partir da especificidade de seu discurso, possa falar e ouvir o outro. Com o devido cuidado, o desafio de criar esta interseção estará fundamentalmente agregado às reflexões sobre o que implica cada um dos viventes em seus atos e práticas.

Partindo do que é fundante para a psicanálise: a escuta do outro na singularidade do seu discurso, este artigo propõe ouvir o outro em um diálogo marcado pela diferença, e não pela desigualdade, em que sujeitos, no sentido lacaniano de sujeitos do inconsciente, possam se apresentar no laço social. Esta proposta não é de uma escuta analítica, pois esta é parte de outra cena.

A partir das reflexões expostas entre as teorias da psicanálise e a teoria de Butler sobre o problema de gênero, propõe-se ouvir o discurso de algumas produções da cultura que contam como o outro é atravessado por questões de gênero, as quais só se poder ter acesso ao ouvir os discursos que este outro constrói.

Na música “Triste, louca ou má”, da banda Francisco, el Hombre, no *stand-up comedy*, denominado “Nanette” (de Hannah Gadsby) e na entrevista de Linn da Quebrada, intitulada “A música e

os corpos políticos” para o jornal Nexo, pode-se verificar falas deste *ser mulher* a partir de diferentes lugares na contemporaneidade.

O que estas narrativas trazem? Do que falam estes sujeitos? O que nos contam sobre “a mulher”? Ouvindo o conteúdo manifesto destas produções, é possível perceber a construção do que pode ou não definir o sujeito, as diferentes formas de sofrimento que se impõe ao sujeito ao assumir-se mulher com referentes que não são biológicos ou socialmente preconizados e do construir-se mulher em um corpo político.

Estas narrativas serão ouvidas e entendidas a partir de conhecimentos distintos marcados pelas especificidades destes campos do saber, entretanto, se o sujeito e os vários sentidos produzidos em sua narrativa no encontro com o outro forem usados como articuladores desta oitiva, surgirá uma multiplicidade de significações que convocará a trabalhar a partir destes diferentes lugares, potencializando a organização de um outro discurso que não tenha como parâmetro o conhecimento prévio destes saberes como verdade acabada.

Refletir a partir destes diferentes sujeitos e implicar-se neste ato permitirá construir um conhecimento e uma prática entre saberes diversos, que sustente a diferença na proposição de respostas às demandas individuais e sociais.

Frente às narrativas apresentadas e às teorias que foram expostas o texto da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) - que incluiu no art. 121, §2º, do Código Penal, o inciso VI, que determina *ser homicídio qualificado* aquele cometido “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” - pode ter outra leitura.

A categoria *mulher* é objeto de inúmeros questionamentos dentro das teorias de gênero, em função de não retratar a multiplicidade de sentidos possíveis para este termo, que extrapola o sentido exclusivamente biológico. A história de Nanette e as falas de Linn da Quebrada são conflitantes com a categoria *mulher*, podendo não ser compreendidas ou contempladas pelo texto da lei, sendo desrespeitados seus direitos como cidadãs.

No mesmo sentido, a construção “razões da condição de sexo feminino” permite questionar o que define sexo, o que é considerado sexo feminino, o que significa condições de sexo feminino. Como diz a música “Triste, louca ou má”, a questão que se impõe é a de definir estes termos que se aglutinam e que se tornam ineficazes nesta proposição, invocando a questão da construção subjetiva destes sujeitos que a psicanálise tem investigado, em conjunto com o trabalho clínico, para os quais a questão central de sofrimento está em “saber quem são”.

A questão de gênero afeta diretamente a prática analítica no processo da escuta da história e do sofrimento do sujeito. Estas questões apresentadas para o campo do Direito podem causar reverberações, produzindo um movimento que gere a busca de uma interlocução que possa, guardadas as diferenças de cada um destes campos do conhecimento, criar um espaço em que uma das metas potenciais seja a construção de novos saberes.

Por fim, as ideias defendidas por Freud em “O Mal-Estar na Civilização”, escrito em 1929, apresentam um ponto fundamental para as reflexões propostas. A primeira das afirmações é sobre a condição necessária para a existência da civilização, a renúncia da *pulsão sexual* e da *pulsão de agressividade*. A segunda é que todos os indivíduos tem

um objetivo comum, a busca da felicidade, quer seja entendida por minimizar o desprazer, quer seja entendida como a construção de experiências prazerosas. Esta busca pela felicidade poderá ser afetada por três fontes: nosso próprio corpo em sua decrepitude e em sua finitude, as imposições do meio/natureza e suas inclemências e a mais importante das três, nossa relação com o outro.

Analisando esta última e mais relevante fonte de sofrimento, escreve Freud (1929, p.105 e 106):

(...) esse argumento sustenta que o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos as condições primitivas. Chamo esse argumento de espantoso, porque seja qual for a maneira por qual possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos, a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização.

Tentar dar lugar às diferentes e divergentes narrativas que os sujeitos constituem sobre si mesmos e o mundo em que vivem pode construir caminhos e sentidos de pertencimento à ordem da civilização que apontem para felicidades possíveis de serem encontradas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CECCARELLI, Paulo R. **psicanálise, sexo e gênero**. *Estud. psicanal.*[online]. 2017, n.48, pp. 135-145. ISSN 0100-3437. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200014. Acessado em: 17 mar. 2019.

COUTINHO, Jacinto. N. M. **Direito e psicanálise: intersecções a partir de “O Processo” de Kafka**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.

DAQUINO, Mariano (org.). **A diferença sexual: gênero e psicanálise**. São Paulo: Agente Publicações, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da Loucura: na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M.T.C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977b.

FRANCISCO, EL HOMBRE. **Triste, louca ou má**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 17 mar. 2019.

FREUD, Sigmund. (1893- 1895). **Estudos sobre a histeria**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I.

_____. (1950[1895]). **Projeto pra uma psicologia científica**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I.

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.

_____. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

_____. (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIV.

_____. (1923a). **O ego e o id**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

_____. (1921). **A dissolução do complexo de Édipo**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

_____. (1929). **O mal estar na civilização**. *In*: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII.

KAËS, René et al. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. *In*: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Seminário, Livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Os complexos familiares da formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: Vozes, 1992.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

NETFLIX. **Nanette**, por Hannah Gadsby. 2018. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/title/80233611>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

NEXO JORNAL. **A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada**. 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.